

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesse: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

## Em defesa do operariado

A classe trabalhadora vem lutando incansavelmente em prol do democrático regime das oito horas de trabalho. Esta regalia, que ela alcançou após porfiosas conquistas, nem sempre foi olhada de bom grado pelas plutocracias flutuantes que — obcecadas por instintos lucrativos — procura amolecer o significado indestruível da respectiva legislação. Mas, a classe trabalhadora — porque é numerosa e se impõe com alguma coisa de grande no aglomerado social — reincidiu heróicamente nos seus pontos de vista, alis soberanamente humanos. Assim, vem apoquentando os Governos com uma insistência que — a ossos olhos — a dignifica. Danedida lucra o Estado que é — sobre todas as coisas — o que, de facto, nos cumpre engrandecer. As classes operárias têm já umas certas garantias.

No atazo que as envelhece, mal podem compreender essas mesmas garantias: instrução e especialização profissional. Mas, as classes operárias não-de-juvenescer produzir cientemente, porque o tempo há-de conceder-lhes uma cultura e o raciocínio uma vontade. Dizíamos — temo-lo dito sempre! — que as classes operárias já umas certas garantias... garantias que as igualem, de facto, a outras classes semelhante. O início mais auro-ral é indulavelmente o regime das oito horas de trabalho. Daí as consequências que saltam aos olhos dos unos crentes na eficácia da medida. Daí o tempo disponível para que os operários criem amor ao livro e abandonem o vício da terna... que é uma das origens os seus males. A instrução, a cultura profissional, há-de emancipá-los definitivamente. O início — que assume aspectos de base —, como dizíamos, o democrático regime das oito horas de trabalho. Há países onde já se preconiza o regime das seis horas. Alguns indústrias, nomeadamente tóxicas, de há muito se integram, por necessidade própria dentro desse regime. Não é — esmo à primeira vista — só um caso de higiene preventiva; é também uma exigência social que a crise avoluma cada vez mais. Em Portugal — como de resto em todas as nações — existe um horio de trabalho que certa gentia se esalfa em entrar. Os Gornos decretam e tornam a decretar, saturam-nos de legislação; vê-se imediatamente que a lei não cumprida, a

## HINOS NACIONAIS

Sôb esta epígrafe, dava a lume o sr. César da Silva — publicista da moderna geração que nos habituamos a ler e a admirar — um curto e incisivo artigo em o último número da "Liberdade", brilhante semanário de Lisboa.

Bebemos-lhe os seus breves comentários com a sófreguidão peculiar a que tais leituras nos obrigam. Sem termos a pretensão de abordar matérias transcendentais, nem sequer nos permitirmos profundar a história vária do tema, é-nos sobremodo aprazível depor nas colunas de "A Velha Guarda", o que de tal assunto pensamos. Aventa-se a miude a opinião de que os hinos nacionais devem ceder à influência pacifista das Democracias o tom belicoso — geralmente aceito por todos os povos deveras apaixonados por um ideal — que revivesce o sangue quente e rubro dum momento de inspiração.

Quando as Democracias se consolidam, como ora se dá na França, tudo aconselha a abolição daquilo que — mesmo em canto — pode recordar a luta fratricida entre irmãos.

Mas contra este parecer, há outros de inegável valor que somam a sagrada intangibilidade do hino... que é — como na França ou Portugal — o eco perpétuo dum *horas de poema épico*. A "Marselhesa", implica o pensamento do grande movimento nivelador de 89... que desconjuntou os alicerces seculares da tirania e deu a todo o ser humano uma lídima esperança de alforria.

Infere-se daqui, sem desmesuradas acrobacias de cabeça, que é lícito conservar com *pagã-religiosidade* a cadência bélica dos

hinos nacionais. Mesmo — quando, como entre nós, tal género de canto significa ou resume a alma do povo — não se explicava a modificação no momento em que o mundo velho ensaia uma luta última, terrível, de morte, com o mundo novo. Há expressões que são inalteráveis pelo que de nobre ou de elevado contém através das tempestades sociais. Além disto, dada a hipótese duma paz conciliadoramente democrática sobre o universo, um canto guerreiro — por polvilhar sobre o ânimo das gentes o entusiasmo psíquico que gera as grandes vitórias — fica sendo, pelo menos, um monumento histórico... venerado pelos homens, fôrros de ontem, escravos de outrora. As Democracias predispõem a humanidade para a paz... a verdadeira paz. Aos hinos guerreiros — que levaram multidões arrebatadas ao pináculo da glória, às cumeadas da fama — não-de-suceder palavras de amor e de concórdia... que já hodiernamente vêm impondo "à tout-le-mond", a superioridade das Democracias... que não necessitam de terçar armas para vencer. A vitória das Democracias está na verve persuasiva dos apóstolos, porque é — *tiradas todas as provas* — a vitória do povo... que sanciona e quer tal vitória. Mas — repetimos — os hinos perpétuarão de geração em geração a alma sempre moça, sempre original, dos que sabem lutar por uma causa grande. As estrofes da "Marselhesa", revelarão aos homens de todos os tempos o nervosismo histórico e formidando daquela França revoltada que — ilaqueada pelo mundo reaccionário —

soube vencer e dominar-se, de envolta com a tarefa grandiosa de inexorável transformação social. Rouget de Lisle, o autor do famoso canto, não era, ao que dizem memórias do tempo, um afervorado Republicano. Não era mesmo um poeta de extraordinário talento ou mérito superior. Porém, ninguém contesta que este homem produziu uma obra — curta muito embora — que satisfiz plenamente aquêl momento inesquecível de heroísmo liberal. E é ainda de ponderar a sinceridade e o arrojo da expressão do canto... o que nos leva à convicção de que Rouget de Lisle se imbuira fundamente do anseio que agitava todos os sítios populacionais da França. Havemos pois de concluir que o autor imortal da Marselhesa — interpretando o sentimento nacional com tanta alma, com tão intensiva paixão — se sentiu trespassado, sob a febre da inspiração, de insuperável Republicanismo. Rouget de Lisle ajudou a triunfar a Revolução. Os hinos nacionais prevalecerão guerreiros enquanto houver gente com intuitos de demolir a paz que as Democracias vão criando para bem da humanidade. A Portuguesa é também um *hino guerreiro* cheio de intenções pacíficas que traduz a todos a nossa psicologia política. E' um hino que há-de avolumar a sua glória de dia para dia, de ano para ano. E' um hino que marca uma enorme etape na vida nacional e promete fazer um Portugal-Maior. Os hinos guerreiros das Democracias são — afinal — hinos de paz.

H. Belém.

despeito até das providências superiores. Ora, chamamos a atenção dos operários vimaranenses para o último decreto que — regulando a fiscalização e regime do horário de trabalho — sobre o assunto se pronuncia. Já deve ter saído no "Diário do Governo". Aí se consigna o que o operário deve fazer para defender-se. Aí se concede às associações profissionais o direito de interceder em prol dos trabalhadores das oficinas, das fábricas e outras empresas laboreiras. Em presença do que já se nos antolha tarefa mais fácil chamar, ao cumprimento da lei, as próprias autoridades administrativas. Todo o operário deve ler o referido de-

creto para formar o seu verdadeiro juízo... para ficar sabendo o que é lícito que saiba, para defender-se. O decreto, bem manejado, é indiscutivelmente uma defeza do trabalhador contra o patronato reaccionário nesta coisa de novos métodos de produzir.

A classe trabalhadora tinha necessidade duma medida enérgica para torcer a má vontade de certas entidades.

Leão Pires.

### Os grandes Democratras

E' em 14 de Outubro que alguns homens, de evidência intelectual incontestável no meio Re-

publicano, vão prestar homenagem à memória de José Pereira Sampaio (Bruno), pulcro defensor da Democracia, escritor de raros méritos.

A homenagem terá lugar no Salão da *Voç do Operário* onde, entre outros, falarão: Manuel Maria Coelho, Simões Raposo, Dr. João de Barros, Dr. Carlos Lemos, César Porto, Severo Portela, César da Silva e João Paulo Freire.

O Pintor Alfredo Cândido está desenhando a figura do grande Bruno para ser exposta na *Voç do Operário*, a quando da homenagem.

Glória ao grande Democrata!

Este número foi visado pela comissão de censura.

## "Eles.... às bulhas

O nosso querido leitor há-de ter matutado muito sobre a rixa que vai lá por Itália. Aquilo toma proporções sérias. Serenou aparentemente. Porque o vulcão, que permanece hiante com ameaçadora fixidez, ainda vai lançar abundante lava. Como sabem, a Roma dos Papas nunca perdoou à Roma dos Césares. E' sempre um caso dos Césares. E' sempre um caso do tempo. Agora, afirma-se nos meios fascistas que os jesuítas estão organizando e dirigindo — após um demorado conciliábulo — o ataque ao "fascio". E' caso, como vêem, para lamentar Mussolini. A luta vai travar-se tremenda, dada a heróica teimosia do Duce e a valente pertinácia subterrânea dos jesuítas. A luta vai travar-se!... Em verdade, está travada. Há quem prediga o lado da vitória, segundo a respectiva paixão, mais ou menos velada. Porém, afigura-se-nos que — pela ordem das coisas — tanto pode vencer o César como o Prpa. Os Papas costumam vencer de certo modo. Não se esquivam, apesar disso, a algumas formidáveis derrotas que — durante os séculos — lhes infligiram alguns temerosos inimigos. Depois, o mundo de hoje é outro... e o que ontem era inexequível, pode ser hoje de fácil realização. Os ventos sopram rijos de parte a parte. Mussolini, que se divinizou no uso familiar duma aparatosa tirania, tem na sua frente o mais temível inimigo: — o jesuíta. Os adeptos de Loyola infiltraram-se na Roma católica, como esta se infiltrou na Roma Cristã. Apoderaram-se dela com inaudita vontade de vencer, penetraram todos os seus alojamentos, mesmo os dos próprios descendentes de S. Pedro. Logo, o duelo vai estadear pitorescas metamorfoses... porque vai ser um duelo de habilidades, um duelo à jesuíta. Mussolini tem de exercitar-se na defeza... uma defeza desesperada, porque — di-lo toda a gente — o fascismo está gasto, está talvez em vésperas de inevitável derrocada. E' possível então que esta circunstância favoreça aos fiéis uma vitória que — em rigor — pertence a motivos de outra ordem. Das forças em luta, uma ficará vencedora. Mas resta a esta uma consolidação: é que a vencedora não fica apta a experimentar forças com outro inimigo. Porque o mundo conhece a história de ambos os adversários. Os jesuítas, por exemplo, são do nosso conhe-

(Continua na 2.ª página).

## "A Velha Guarda,"

Começamos a enviar à cobrança os recibos deste período. Aos nossos presados assinantes cumpre satisfazer plenamente as respectivas importâncias. Porque um jornal, como o nosso, vive da cooperação monetária de todos os seus leitores ou assinantes. Não faz sentido que alguns correligionários nossos se esqueçam, por vezes, a esse dever elementar...

"A Velha Guarda," é, felizmente, recebida com entusiasmos por todos os Republicanos... que são — nesta hora de conjunção — nossos correligionários muito queridos. O facto, só por si, enche-nos de orgulho, de legítimo orgulho. Mas — parece que toda a imprensa Republicana se queixa do mesmo! — doi-nos simplesmente que um ou outro assinante não veja, com clareza, que o bom progresso da nossa Causa está na própria imprensa... que urge incitar e ajudar.

De facto, não faltam auxílios voluntários em tempos de fortuna. Mas agora é de desfortuna. E os amigos certos...

Aos nossos assinantes das aldeias, rogamos uma fineza que muito lhes agradecemos: é que, para nos evitar extravios e outras contrariedades subsequentes, seria preferível que fizessem os respectivos pagamentos na Redacção, pessoalmente ou por intermédio de outrem.

Disso resulta, para nós, um pouco de economia. Que a hora chega a todos. E cá também chegou. E' preciso economizar para minúsculos prejuízos. Aflicta o pedido.

**Imoralidades** — Chamamos, mais uma vez, a atenção da G. N. R., Policia e Zeladores municipais, para as imoralidades praticadas por algumas desgraçadas, que fazem das principais ruas e praças públicas o seu quartel general, mormente ao sul da Praça do Toural, rua Paio Galvão, circundando as igrejas de S. Domingos.

Também lembramos o procedimento infame da garotada que, em plenas ruas e largos joga o «foot-baal» usa «fiska», pondo em risco os *costados* dos pobres transeúntes e profere os mais ascorosos palavões.

E' preciso que mostremos aos nossos visitantes que, Guimarães, não é terra de Paio Pires, apesar de há muito andar abandonada dos poderes constituídos.

**Faustino Pereira Camelo** — Este nosso verdadeiro e querido amigo, completou, em 15 do corrente, os 92 anos da sua preciosa existência. Foi nesta cidade — e durante muitos anos — um integro chefe da Repartição de Finanças. Nós admiramos sempre as suas qualidades nobres, o seu carácter ímpoluto, a sua alma sã. Ao nosso estimado amigo, que reside em Vila Verde, leva *A Velha Guarda* o seu preito sincero da sua muito estima.

**A Velha Guarda** — Em virtude dum imprevisto, foi impossível publicar-se na semana finda. Pedimos desculpa aos nossos queridos leitores.

## «Eles»... às bulhas

(Continuado da 1.ª página)

cimento. Portugal conhece-os de gingeira; que ainda andam por aí estampados inúmeros vestígios da sua nefasta permanência neste jardim de à-beira mar que — nas primícias da dinastia joanina — revelou tantas tendências liberais. A permanência nefasta dos jesuitas em Portugal só produziu decadência moral e material.

Leia-se a história e veja-se: a caça ao dote, à honra e à liberdade alheia. Se Mussolini tivesse a envergadura de Pombal!... Mas este satisfaz uma época e aquêle está muito longe de atingir essa necessidade. Mussolini não tem os recursos dos grandes estadistas. Mussolini tem apenas o fanatismo de alguma gente armada. — XYZ.

## A caridade

Aflui-nos ao raciocínio uma séria confrangedora de contrastes que vêm maguar, com dureza, a nossa sensibilidade. Sobre o motivo contido na expressão que encima estes dizeres, já manifestamos há muito — e de várias formas — a nossa maneira de pensar. Ninguém de boa fé toma absolutamente a sério a *cruzada chamada caridade*, que certas *alminhas piedosas* procuram ostensivamente espalhar por esse mundo fora. Nós reconhecemos que fazer benefícios a quem necessita é altamente dignificador. Reconhecemos que — além disso — todo o que faz bem tem jús ao bom conceito dos cidadãos. Reconhecemos finalmente que há indivíduos que atingem esse escopo, movidos por uma funda sinceridade. Convençoun-se chamar a tal acção — a de fazer *mercês* pecuniárias ou idênticas ao nosso semelhante — **caridade**, nome pomposo para certos enfatuados aspirantes a este apostolado. De maneira que — a despeito da miséria sempre crescente em todo o globo — vemos apóstolos da caridade a mais. A realidade é dura. E' mesmo rude. Mas é também muito verdadeira. Já dissemos em números anteriores deste jornal que a palavra «caridade» tem o misterioso dom de, só por si, ultrajar a dignidade humana. Não se concebe a «caridade» sem a «miséria»; porque são palavras correlativas na *mise-en-scene* do drama, tão vulgar, para apoucamento de nós todos... Pois — como iamós dizendo — os *apóstolos da caridade* crescem espaventosamente, dando a esta *coisa banalíssima* uma certa tonalidade... a que não falta raras vezes o imprevisto e até... o pitoresco. Não há muitos dias que um diário de Lisboa aludia a uma *facécia* — que foi julgada em tribunal — cometida piedosamente em nome da caridade. Vê-se pela narração que a tal *beneficência* serve a muitas pessoas — além de tôla ostentação — para inconfessáveis fins. Vejamos, sem mais rodeios, este episódio simples que vem depôr contra a moralidade de carácter de alguns agentes da caridade: — umas senhoras apropriaram-se do que, para *fins caridosos*, haviam cobrado lusuamente. Apurou-se, em pleno tribunal, que as referidas damas precisavam de fazer um tratamento de águas e... fizeram caridade a si próprias. O caso deu — ao contrário do que vulgarmente sucede — nas vistas de um outro esmiuçador de particularidades.

Um escândalo!

Ora aquelas *piedosas almas* iam para qualquer convidativa estância termal gozar o fruto da privação de muitos desgraçados... que arrastam, em lóbregas casotas, a mais espantosa miséria.

...Mas, isto não passa de um simples exemplo...

Por aí além vai um longo estendal de idênticas coisas. Quantos saboreiam frutos da mesma árvore!? E alguma gentinha, com *aspirações a piedosa também*, toma-os a sério. Mas eles que não nós.

Andam, distribuídos pelo país, alguns colégios de recolhidas orfãs que a *caridade católica* dirige com o escrúpulo espiritual de todos nós bem conhecido. O pequenino espera receber ali uma educação que o habilite a enfrentar, com probabilidades de triunfo, o labirinto da vida. Sabemos o resto. «A Velha Guarda» já analisou os resultados dessa educação colegial e disse, então, que o que as educandas sabiam era rezar... quasi só rezar. Em face disto, é forçoso confessar que a *tal caridade* se desfigura e se nos exhibe demasiado trôpega.

Aquelas crianças atingem a maioridade acabrunhadas por uma inferioridade mental... que as inibe de caminhar a par da outra gente. Ora, é em abono delas que os homens de bom senso deviam mover-se exercendo a única caridade legítima: a **protecção à infância**. Aos maiores deve ser facultado o trabalho... que a caridade ofende-lhes a dignidade própria. Nem devemos conceber a sociedade com tamanha aberração, isto é, com a miséria de uns envergonhando a magnificência de outros.

Quem lêr isto facciosamente, logo nos assaca propósitos extremistas. E' tal a desvergonha das afirmações na hora que corre! Sosseguem os tímidos. Estamos, apenas, a ler nas superfícies... e as coisas são o que são.

A caridade — quer queiram ou não — tem sido uma arma sãbiamente brandida por todos os *simpatizantes*. E' possível que — adentro de tanta mixórdia — ande alguém bem intencionado. Negá-lo, seria tacanhez de vista. Todavia, a caridade é modernamente uma diversão de luxo que prevê agradáveis «rendez-vous» e até... outorga evidência a pessoas que — em santa verdade — não tem geito para coisa alguma. A fama não perdeu ainda a mania de fascinar os ingênuos, de empolgar os sequiosos de imortalidade, de vencer ao primeiro embate os mortais de pouco estôfo...

E como já foi descoberto o caminho marítimo para a Índia e o «Lusíadas» está feito... há que induzir o Vaticano à santificação das gentes. Que esta Pátria abunda em heróis e santos; mas mingua-lhe o juízo em certas oportunidades.

A *caridade imortaliza*. Pelo menos os jornais tomam nota dos *caridosos* que, às vezes, caem nos tribunais... a prestar contas da sua *abnegação*.

X. X. X.

## Ali por S. Torcato

Anda um certo indivíduo pedindo votos ameaçadoramente. Diz parvoíces o sujeito... e não se lembra que outro tanto lhe podem fazer a êle. Que a roda da fortuna anda sempre tomando as mais diferentes posições. Nem parece um homem fino...

Todos, de S. Torcato, sabem quem é o tipo. E basta.

## Cadeia comarcã

Lemos que foi concedida, pelo Ministério da Justiça, a quantia de 25 contos para conclusão das obras na Cadeia nova.

Bom seria que fôsse utilizada a verba nas obras indispensáveis: compra de leitos de ferro, retretes, casa de banho..., para completa higiene.

## Comissão Concelhia de Turismo

Foi autorizada, pelo Conselho Nacional de Turismo, a arrendar o Hotel da Penha e terrenos anexos, com algumas restrições.

## "A Velha Guarda," é o jornal do Povo. Lêde-a e fazel-a circular.

**Zona de jôgo** — Pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Vizela, foi solicitado ao chefe da repartição dos jogos de turismo, o estabelecimento de uma zona temporária de jôgo, naquela estância termal.

## Dia e dia...

**Higiene** — Costuma dizer o nosso povo que «água mole em pedra dura tanto bate até que fura». Entre nós, pelo menos, não sucede assim, porque já estamos fatigados de pedir providências para a falta de higiene que se nota na nossa terra, e, afinal, nada de nós ouviremos, nada de olharem pela saúde pública.

E' fantástico, mas é verdade!

\*

**Os serviços da policia** — Sabemos que o actual Comandante do Posto de Policia, desta cidade, tem empregado grandes esforços no sentido dos serviços da sua corporação corresponderem aquilo que, de facto, devem ser. Nós, que costumamos dar a César o que é de César, devemos dizer que da boa vontade do sub-chefe, sr. Machado, e do seu trabalho alguma coisa tem resultado. Os serviços policiaes têm melhorado, mas nunca melhorarão tanto quanto se deseja porque 10 policiaes — dez! — representam aqui a mesma coisa que um mosquito dentro da barriga de um boi!

Tude depende, porém, de uma questão de sorte.

\*

**Queixumes** — Alguns contribuintes queixam-se de que não são avisados para o pagamento das contribuições, dando assim motivo a relaxes. Se, realmente, existe alguma Lei que assim o determine e esta não se cumpre, pedimos as devidas providências a quem de direito; mas caso contrário limitamo-nos a aconselhar mais um pouco de cuidado áquelles que se queixam.

\*

**Porque não?** — Os srs. proprietários do Café Oriental ainda não se dignaram baixar ao preço da chávena de Café. Como a culpa não é nossa, mas sim daqueles que se conformam com o preço corrente — corrente no Café Oriental — abandonamos o assunto e pedimos desculpa aos senhores proprietários do referido Café, não obstante a nossa reclamação — reclamação *amistosa* — não os prejudicar, visto que continuariam a ganhar o suficiente. Apesar de tudo, a nossa impressão continua sendo esta: não baixar! Porque não?

\*

**Cónego José Maria Gomes** — Comemorando o 11.º aniversário do falecimento deste nosso querido amigo, o rev.º Artur F. Guimarães, celebrou na quarta-feira próxima passada, uma missa. Não obstante este acto ser devidamente anunciado com a precisa antecedência, e ser realizado em um dos templos desta cidade, foi pouca a assistência. Sim, o Cónego José Maria Gomes já morreu!...

A' mesma hora, realizou-se acto igual em S. Pedro de Azurém, ao qual assistiu a família e alguns amigos do ilustre morto.

## Museu Alberto Sampaio

Se bem que ainda incompleto, já se encontra aberto ao público este museu, que encerra preciosidades artísticas de grande valor.

Esperamos fazer-lhe uma visita para sobre êle manifestarmos a nossa opinião.

## Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço retiramos bastante matéria, alguma já composta, de que pedimos desculpa aos seus autores.

## Os caçadores de Guimarães

Porque, no ano passado, me opus, juntamente com uns amigos, as deliberações infundadas da Comissão Venatória Concelhia, este ano aí andam alguns caçadores, verdadeiros apaixonados das rôlas, a perguntar qual o caminho a seguir, sem que os senhores fiscaes da caça impeçam tão agradável digressão.

O decreto n.º 19284, artigo 3.º diz: «E' permitida a caça das rôlas a espera, com ou sem rede, mas sem auxilio de cão, desde 15 de Agosto, numa faixa do litoral com dois quilómetros de largura contados desde a costa. *Fora daquela faixa, mas unicamente em locais expressamente assignados pelas respectivas Comissões Venatórias Concelhias, e sem rede, é permitida a caça das rôlas desde 15 de Julho, inclusivé, na região Venatória do Sul, e desde 15 de Agosto, inclusivé, nas regiões Venatórias do Norte e centro.*

Segundo me parece as referidas Comissões Venatórias Concelhias têm de designar os locais, e não procurar deturpar o português que claramente os obriga ao cumprimento do seu dever.

Que os membros da Comissão Venatória que partilham a mesma ordem de ideias, tem um princípio de razão que ninguém absolutamente lhe pode negar, porque de ante-mão, subjunctivamente sabemos que muitos dos tais que barafustam em prol da caça as rôlas, pretendem caçar, não as rôlas, mas sim os coelhos e as perdizes, que nestes tempos abundam nos campos; ora, se é assim, as Comissões, procuram evitar tais abusos, merecem os nossos aplausos e a nossa maior consideração; evitar, está certo, mas *unicamente com a lei na mão*; caso contrário, origina questões, más vontades, e até pedem pouco e pouco o respeito que uma entidade nos pode merecer.

Entendo que os membros da Comissão Venatória, não deviam apaixonar-se por considerações deste ou daquele caçador, porque em geral uma ideia não agrada a todos, e de aí discórdias, sempre malévolas para quem dirige. Deve, pelo contrário, emancipar-se, obedecer cegamente aos preceitos da Lei da caça, e resolver de comum acordo com a sua consciência, desprezando sempre, apaixonados modos de ver.

A Ex.<sup>ma</sup> Comissão é composta de pessoas criteriosas e de bem; portanto tenho a certeza, que não serão capazes de se deixar seduzir por castelos no ar, efeitos de luz que deslumbrem, mas que nos deixam imediatamente na sombra.

Como não tenho vício por *essa espécie*, não a defendo com o calor necessário, mas aconselho os seus apaixonados (aliás muitos) que não desanimem, porque não se fará arbitrariedade ao referido Decreto de 30 de Janeiro de 1931.

E como a primeira vista parece impossível marcar os locais, com resultado satisfatório, a Comissão designará determinados sítios em várias freguesias do concelho, cumprindo assim, a rigor, a Lei da caça, e satisfaz inteiramente os apaixonados deste «sport» que têm jús a serem atendidos nas suas reclamações.

Gaspar Pimenta.

## Transferência

O Sr. Dr. Jaime da Encarnação Rebelo, que em Santo Tirso exercia o cargo de Delegado do Procurador da República, foi transferido para a nossa comarca.

A S. Ex.<sup>ta</sup> apresenta «A Velha Guarda» o seu cartão de boas-vindas.

Os meus instantâneos

Manias célebres

O sr. Manuel de Bragança arrou-se em *bibliófilo illustre*. Colecciona livros de todos os tamanhos e feitios, em catálogos especiais, para se dar ares de entendido na matéria. O ex-soberano expõe a todo o visitante aquela sua *estupenda paixão*.

E todos o acreditam. Já o jornalista António Ferro, lhe arrancou — a quando da sua pasmosa entrevista — a mesmíssima confissão de amor à livralhada. E o António Ferro enguliu a pilula, apesar de esperto.

Averigua-se agora que o ex-soberano conhece os livros só pela lombada. Que as tão faladas raridades de biblioteca não passam, para êle, dum fastidioso amontoado de leitura. Prometeu aos curiosos uma «obra de investigação histórica», mas deu em droga a sua empresa.

Quere-me parecer que: ou o Bragançinha anda a fingir uma ocupação útil (que lhe encubra a preocupação obsidiante do ténis) ou legará, após a morte, uma verdadeira colecção de livros póstumos...

Para já... fez-se um honrado lavrador que ganha prémios em várias exposições internacionais.

Para alguma coisa lhe havia de dar a... mania de reinar.

\*

Os padres espanhóis têm a mania do ataque. Até ao enterro da falecida monarquia, diziam dos Republicanos o que Mafoma não dizia do presunto.

Agora, dizem do Afonso XIII e do Primo de Rivera as maiores, as mais tremendas coisas...

Não querem imiscuir-se na política, mas sobre-lhes fôlego para atacar os extremistas.

Esta requere água benta... A eterna mania!

\*

Ali o corêto do jardim público tem a mania da solidão. Há tempos, deram-lhe uma banda civil para matar saudades...

Andou uns momentos entretido com o donativo. Mas, teima em estar só a maior parte das vezes. Não sei a que atribuir-lhe a mania. O traste, que vinha sofrendo os efeitos doentios duma fractura no arcaboço, parece presa duma grave melancolia... de há tempos a esta parte.

Morreu-lhe a alegria. Envio-lhe daqui o meu cartão de sentidos pêsames.

\*

A Alemanha democrática festejou comovidamente, em 30 do passado, mais um aniversário da Constituição de Weimar, ou seja: da glória do Povo, após a derrocada do imperador.

Viveu horas de triunfo! Muito bem. Nem tudo são tristezas! Muito embora na iminência dum cataclismo financeiro, a Alemanha teve a coragem de dominar-se para glorificar o grande dia da sua emancipação... saturado de estranhas alegrias.

De alegrias que aterram... Quem não gostou da fita foram os hitlerianos. Aposto que andaram às turras.

A eterna mania dos facciosos! Dos pobres de espírito! Mas já Cristo dizia: deixai vir a mim os pobrezninhos que dêles é o reino do ceu...

E podiam ir para lá todos de enfiada, que não faziam cá falta. Mas o bom Jesus teme que os ditos — fanatizados pela mania revolucionária — causem distúrbios no paraíso.

Mal por mal... nós! A mania dos pobrezninhos de

espírito!... Dos hitlerianos do universo!...

\*

Eu também sou um bocado maniaco. Por exemplo: não posso ver, sem mágua, que os integralistas façam avenida à *D. Aldegundes* (ou lá o que é!)... que a policia não impeça o trânsito de carros de estrume na cidade, profanando, com o perfume violento da estrumeira, o seu beatífico cheiro a ovos.

Eu sou de manias! Não levo a bem que o meu querido *Soisa* tenha «manias mais maniacas» do que eu. Já viram? Naquele rancor senil não cabe um pouquinho de amor ao próximo. Pois é uma mania tôla. Se lhe desse para ser bom?! Não era mais fácil?! Mais airoso?!

Ricardo de S. Gil.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Torneio de tiro aos pombos

Promovido pela casa de Rozende, em S. Pedro da Raimonda, realizou-se um importante torneio, tomando parte nelle noventa e tantos atiradores.

Os prémios, que eram nove, sendo os primeiros muito valiosos, couberam respectivamente: 1.º, 2.º, 3.º e 4.º a Vila da Feira, Paços de Ferreira, Felgueiras e Pevidem. Os restantes, aos atiradores menos classificados.

O campo, amplo e bem situado, estava belamente preparado, mercê dos afanosos trabalhos para esse fim empregados pela incansável comissão de que fazia parte o sr. Manuel F. Portos.

Este torneio foi levado a efeito pela Senhora D. Maria Portos, e pelo sr. Manuel Portos em homenagem a seu sobrinho — o jovem caçador Joaquim Menezes, filho muito querido do sr. José Menezes, da casa de Cabanelas.

Findo o torneio, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Portos e seu Marido ofereceram a mais de duzentos convivas um grande banquete, que decorreu na maior animação até alta madrugada, falando diversos oradores, entre eles os Srs. Dr. Santos Júnior, Francisco Moura, e Dr. José Queiroz, tendo palavras de muito reconhecimento para com os ofertantes daquele grande banquete, no que foram muito aplaudidos por toda a assistência.

Também, e por várias vezes, falou o sr. conde de Fijó, entre-meando pilhéricas tiradas, naturalmente para lhe desfazerem as náuseas que manifestamente mostrou produzir-lhe aquelas palavras frementes do Dr. Santos Júnior, quando numa passagem do seu discurso, e no meio duma satisfação plena, inteira, da assistência, se referiu à jovem República espanhola.

Mas, como só o gôto do sr. conde ficou vazio e todos os outros cheios, foi coisa de pouca monta.

E assim terminou aquele autêntico festim, que bem marcou.

**Ginkana de automóveis** — Realizou-se no passado domingo, no formoso Parque da estância Termal de Vizela, com a assistência de milhares de pessoas.

Foi elevado o número de concorrentes, contando-se os mais ágeis volantes do norte do país e Guimarães orgulha-se de ter sido representado neste interessante certamen por dois dos seus mais famosos azes: Belmiro Jordão e António da Costa Guimarães.

Ao primeiro, foram conferidos os 2.º e 3.º prémios e ao segundo o 6.º.

Os nossos parabens.

Noticias pessoais

Retirou para a sua casa de Lamego, dando-nos o prazer da sua despedida, o velho republicano e nosso querido amigo, sr. Júlio António Cardoso, vereador da primeira Câmara, após o advento da República.

— Com suas ex.<sup>mas</sup> famílias, encontram-se na Póvoa de Varzim, os nossos estimados amigos e correligionários, srs. Dr. Mário Dias Pinto de Castro, sub-inspector de saúde e Avelino de Faria Guimarães, conceituado comerciante.

— Encontra-se na linda praia de Francelos o nosso valioso amigo e prestante correligionário, sr. José Fernandes Guimarães, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e gentil filha.

Os nossos cumprimentos. — Partiu para Gomide (Vila Verde), acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e gentis filhinhos, em gozo de férias, bem merecidas, o nosso valioso amigo, correligionário e colaborador, sr. Mário de Sousa Menezes, distinto professor da Escola de Francisco de Holanda.

«A Velha Guarda» deseja-lhe muitas felicidades e apresenta-lhe os seus cumprimentos.

— Vimos nesta cidade, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> família, o nosso querido amigo e correligionário sr. Alfredo dos S. Graça, empregado superior do Banco Pinto e Soto Maior, genro do nosso saudoso e inesquecível correligionário sr. Manuel Ferreira Guimarães.

— De visita a suas famílias, estiveram nesta cidade os nossos estimados amigos srs. Dr. Emídio Guerreiro, Padre Francisco de Almeida e Domingos Roriz.

— Completamente restabelecido, cumprimentamos o nosso estimado amigo e conceituado comerciante, sr. Benjamim de Matos.

— Também a esposa do nosso bom amigo e valioso correligionário, alferes sr. Herculano Pereira Guerreiro, se encontra restabelecida da grave doença que por muito tempo a reteve no leito.

Os nossos cumprimentos.

— No hospital militar de Braga, está desde há dias, algo encoadado, o nosso querido amigo e indefectível republicano, sr. capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra.

— Partem na próxima segunda-feira para o Luão, onde vão fazer uso das respectivas águas, as srs.<sup>as</sup> D. Maria de Belém e D. Jandina Teixeira da Silva, filhas dos srs. Luis António Pereira e D. Carolina Teixeira Pereira nossos estimados patricios.

Desejando-lhes uma ótima viagem, fazemos votos pelo bom resultado do tratamento.

— Em gozo de férias, encontra-se na sua casa de Vidago, o nosso estimado amigo e dedicado correligionário sr. Jerónimo Ferreira Botelho, professor das Escolas Centrais de Guimarães.

— Em Monsul — Póvoa de Lanhoso, estão em gozo de férias, os nossos presados amigos e correligionários srs. Manuel da Costa Pedrosa e Padre José Carlos Simões Veloso de Almeida, co-proprietários directores do conhecido e acreditado estabelecimento de ensino «Escola Académica-Internato Municipal».

— Embora melhor, tem estado um tanto incomodado de saúde, o nosso amigo e correligionário, sr. Domingos Mendes.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

A' policia

Recomendamos alguns moradores do Largo da Condessa do Juncal que, à hora do dia, fazem continuamente despejos sobre a via pública. Se houver necessidade, indicaremos pessoalmente quais os moradores que prevaram.

principio do nosso amor...

*Numa tarde de sol, já mui distante,  
Vi os teus olhos lindos a brilhar;  
E segui-os com um prazer de amante  
Porque senti desejos de os amar.*

*Caminhavas sem pressa, devagar,  
Saudando na passagem os passarinhos  
Que alegres, saltavam, a juntar  
A palha que levavam p'ra seus ninhos!*

*Indeciso, cheguei ao pé de ti;  
Falei-te. E nos teus lábios finos vi  
A bailar um sorriso acolhedor...*

*Caminhamos após, horas ditosas,  
Ladeados de alamedas mui formosas,  
E assim principiou o nosso amor!...*

ARNALDO DE SOUSA LOBO.

Saúde pública

Nunca é demais clamar em favor da saúde pública e particular. Dêste cantinho, lembramos às autoridades desta linda terra a necessidade urgente de mandar esvaziar os tanques... que outrora serviam para curtir couros; ou então, deve a mesma autoridade obrigar os seus proprietários a enchê-los de casca, já servida, para obstar a que, nesta quadra do ano, seja aquela zona invadida por milhares de *trombeteiros*, e mesmo porque é da mais rudimentar ciência acabar com os cheiros pestilentos que dali emanam constantemente.

Aconselhamos a Comissão Sanitária a fazer uma visita ao local para, de visú, observar que não bradamos a brincar.

Falecimento

Na freguesia de Abação, faleceu, após dolorosos e prolongados sofrimentos, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Carolina Pinto Cardoso.

A sua morte foi muito sentida, pois a extinta possuia excelentes qualidades de carácter que a tornavam querida das pessoas que com ela conviviam, sendo uma desvelada protectora dos pobres.

O funeral realizado naquela freguesia; foi assistido de elevado número de pessoas de todas as categorias, o que demonstra a consideração que a saudosa extinta gozava.

A' família em luto, o nosso cartão de pesames.

Recenseamento Eleitoral

Continua, até 29 do corrente, a inscrição de cidadãos que desejem recensear-se, para votar nas próximas eleições.

No Centro Republicano, desta cidade, encontra-se um delegado da Comissão Pró-Recenseamento, das 10 às 12, 15 às 19 e 21 às 24 horas, que presta todos os esclarecimentos aos individuos que o desejarem, para o dito fim.

Lêde e propagai a "A Velha Guarda,,

Despedida da viúva de solteiro

Um amigo nosso e antigo companheiro das aulas reñuiu, em 12 do corrente, numa dependência da «Pensão do Toural», um numeroso grupo de amigos a quem ofereceu um pequeno banquete, para assinalar a sua despedida da vida de solteiro.

Artur César Pinheiro, o nosso amigo em referência, revelou assim que muito preza os seus amigos. Na festazinha, que decorreu num ambiente familiar, choveram os brindes e triunfou a alegria. Que o nosso amigo seja feliz no seu novo estado! — eis os nossos votos.

Saúde

*«Saúdares leves-as o vento»,  
caramunha o povólê...  
oh meu amor, que tormento,  
se tu te esqueces ou eu.*

*¿Pois o vento, na verdade,  
por mais rija a viração,  
pode apagar a saúdade  
que temos no coração?*

*¿Pode a mais fria nortada  
violiar a solidão,  
levar a sombra adorada,  
desfazer uma ilusão?*

*¿Pode, enfim, o vento agreste  
penetrar com espavento  
uma lamúria celeste  
que temos no pensamento?*

*A tua alma e mais a minha  
dizem não... não é verdade,  
que a minha chora sôsinha  
cada vez com mais saúdade...*

*No coração da orfandade,  
se recordar é viver,  
para acabar a saúdade  
era preciso morrer.*

D. B.

A's boas donas de casa

Recomendamos a grande liquidação que está fazendo a CASA DAS LOUÇAS. Liquidação completa das louças de esmalte, alumínio e porcelana e de muitos outros artigos.

Grandes abatimentos. Preços baratos, na CASA DAS MEIAS, junto à CAMISARIA MARTINS.

Parada dos Bombeiros

Por absoluta falta de espaço, não temos relatado os programas ultimamente exibidos no écran deste estabelecimento de diversão. Informam-nos que a empresa espera trazer a Guimarães algumas das mais formidáveis produções cinematográficas.

Grupo dos "Infalíveis,,

Realiza hoje o seu passeio anual este grupo de propaganda e recreio, que demorando três dias, percorrerá diversas terras, «dêste jardim da Europa, à beira mar plantado», pelas quais fará a distribuição, grátis, de um jornal — número único — magnificamente colaborado por diversos componentes do grupo e alguns Mestres nas Letras.

Igualmente fará também a distribuição de diversos cromos com alguns dos mais belos monumentos da cidade e da Penha, assim como de diversas poesias, dispersas, que cantarão as belezas de Portugal.

acompanha o grupo um bem organizado «jazz-infabili-band» e um «grupo de bailaricos» que deve despertar grande admiração nos povos a visitar. Aos seus componentes deseja «A Velha Guarda» uma feliz viagem, salpicada de imprevistas ocasiões humorísticas.

# O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Torrefacção primorosa  
Todos os dias moído electricamente

DEPOSITARIOS:

Francisco Joaq.<sup>m</sup> de Freitas & Genro  
70-TOURAL-73  
GUIMARÃES

## FÁBRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS  
ARMAZENS EXPORTADORES  
TELEFONE N.º 128  
GUIMARÃES — Portugal

## CASA DAS GRAVATAS DIAS & CARVALHO, L. DA

CHAPELARIA,  
CAMISARIA E  
GRAVATARIA.  
43—Rua da República—47  
TELEFONE N.º 188  
GUIMARÃES

## CARLOS DE LEMOS

(MARCA 54)  
FÁBRICA DE CUTELARIAS  
MIRADOURO — GUIMARÃES  
Cutelarias em aço fino das  
melhores procedências

## PADARIA ALMEIDA

DE  
José Mendes Guimarães  
Rua Elias Garcia, 63  
GUIMARÃES  
Cereais e Farinhas

# PHILIPS RADIO

OS MELHORES RECEPTORES

Representantes:  
BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.<sup>A</sup>  
GUIMARÃES  
TELEFONE 22

Grande Armazem de Exportação  
DE  
Augusto Mendes  
Rua de Gil Vicente  
GUIMARÃES  
Calçado,  
Cutelarias  
e Pentes

CASA DE SANTA TERESINHA  
RUA DA REPÚBLICA, 123  
GUIMARÃES  
Papellaria e Livraria  
Artigos Religiosos e  
Objectos de escritório

Pasta dentifrica CORALIA  
Sendo quimicamente neutra é a  
única que dá aos dentes a  
côr natural do marfim.  
Telefone, 73  
Vende-se em tôdas as farmácias e  
perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial  
de Benjamim de Matos & C.a, L.da  
Toural — GUIMARÃES  
Telefone, 64  
O seu intento é, com os preços e qualidades de  
todos os artigos que vendem, convencer o público  
de que se esforçam o máximo para lhe fornecer  
artigos bons e garantidos por preços razoáveis.  
SECCÃO DE MODAS.

Antiga Casa Patricio  
DE  
José Fernandes Martins  
Praça D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Pão de Ló de Margaride (de Leonor  
Rosa da Silva).  
Especialidade em artigos  
de mercearia fina.

A. J. Ferreira da Cunha  
Praça D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Sortido completo em ferragens  
finas e para usos industriais.

Papelaria Central  
Telefone, 149  
Praça D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Artigos fotográficos.  
Única casa da especialidade.

Armazem de Mercearia  
por junto e a retalho  
DE  
Francisco Lopes Martins  
Rua de Gil Vicente—GUIMARÃES  
Depósito de telha Marselha  
e tubos de grés. Telefone, 101

GRANDE HOTEL DO TOURAL  
TELEFONE N.º 74

O maior, o mais central e o mais  
bem frequentado e confortável.  
Serviço de mesa primoroso  
para dieticos e não dieticos.

PENSÃO DE GUIMARÃES  
DE JOAQUIM DA SILVA  
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES

Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00.  
Diárias de 14\$00 a 25\$00.  
Quartos excelentes e cozinha á por-  
tuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado  
CHAMADAS — Telefone, 222  
Mudou o seu escritório de  
solicitador para  
a Rua 31 de Janeiro, 111  
GUIMARÃES

Fábrica de Guarda-sois  
e Chapéus  
DE  
FARIA & FERNANDES, L.da  
51, Largo Prior do Crato, 54. GUIMARÃES  
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)  
Telefone n.º 89  
Agentes officiais dos pneus FIRESTONE  
Representantes do capacho IDEAL

Oficina de Serralheria  
DE  
SEBASTIÃO MENDES  
Rua de Vila Verde — GUIMARÃES  
Encarrega-se da manufactura de toda a obra que  
diz respeito á sua arte, tais como: Portais para  
quintas, cozinhas de ferro, ramadas, etc., etc.  
Especialidade em alicates, torquezas, fechaduras e pedrezes.

Leite & Figueiredo  
Materiais para construções  
Cal, tintas, vernizes, tubos  
de grés e telha de Marselha.  
Largo da Condessa do Juncal — GUIMARÃES

CARREIRAS DE CAMIONETE  
ENTRE GUIMARÃES E PORTO  
João Ferreira das Neves  
Escritório:  
Casa Almério Ferra  
Toural — Guimarães

António Ferra, Filho  
Largo D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Completo sortido em ferragens finas  
e artigos de menage.  
Escritório de Camionetes para o Pôrto

JOSÉ MENDES GUIMARÃES  
R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES  
Depósito da excelente palha tri-  
lhada em fardos, bancas de  
lousa para barreiros, oleados  
e carvão de coke para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada  
Praça de D. Af. Henriques — Guimarães  
TELEFONE, 78  
ARMAZEM DE MERCEARIA FINA  
e Escritório das Camionetes para  
Braga e Pôrto.

CASA IDEAL  
DE Joaquim Leite Monteiro  
Rua 31 de Janeiro n.ºs 28 e 30  
Telefone n.º 181  
Encarrega-se de concertos em tôdas as  
Máquinas de escrever (qualquer marca).  
Serviços garantidos. — Preços módicos.  
Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.<sup>a</sup>  
Rua da República  
(Junto ao Banco do Minho)  
GUIMARÃES  
Completo sortido em tabacos  
nacionais e estrangeiros.  
LIVRARIA E PAPELARIA.  
VALORES SELADOS.

Sapataria Elegante  
DE  
Artur d'Oliveira Sequeira  
Largo Prior do Crato  
GUIMARÃES  
Especialidade  
em  
calçado fino e concertos

MANUEL MACHADO  
Miradouro — Guimarães  
Marca 53 (Registada)  
Fabrico de cutelarias.  
O melhor no género.  
Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura  
(Marca 35)  
Pisca — GUIMARÃES  
Telefone n.º 167  
Fábrica de Cutelarias e Tecidos  
Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.  
A título de experiência, aconselha-se  
uma visita a esta acreditada casa.

FOTO - BELEZA  
DE MANUEL ALVES MACHADO  
Rua 31 de Janeiro, 97 — GUIMARÃES  
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216  
Executa com a máxima perfeição amplia-  
ções em todos os tamanhos.  
Acabamentos em trabalhos de amadores e  
todos os serviços concernentes á esta arte.

Marca da Fábrica  
SILVA MARCA  
GUIMARÃES  
Registada  
Endereço telegráfico:  
SILVA 5-Guimarães  
FÁBRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5  
A MELHOR DE PORTUGAL  
Fundada em 1882  
Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido  
José Francisco da Silva, Filho & Genro  
MIRADOURO — GUIMARÃES